



METROPOLE

SSA-BA

12 AGO 2021



Blindada que a gente confia

No mesmo dia que levou tanques às ruas para intimidar votação, Bolsonaro assistiu resposta do Congresso que derrubou PEC do voto impresso. Urnas eletrônicas saem fortalecidas diante da imagem esfumada da Força Nacional. Págs 4 e 5

Blindado que virou fumaça





Mensagem acelerada é dinheiro?



James Martins

Talvez nunca como hoje em dia a expressão “tempo é dinheiro” tenha feito tanto sentido. Isso porque, certamente, nunca como atualmente o tempo nosso de cada dia tenha faltado tanto para todo mundo. Inclusive as pessoas mais ricas. Não por acaso, a quase totalidade dos estudiosos que transitam entre a economia e a psicologia se veem forçados a repetir o clichê de que a verdadeira riqueza é ter tempo livre para, depois, não ficarmos no além cantando aquela baladinha dos Titãs: “Devia ter amado mais (...) trabalhado menos” etc etc. Um dia desses, flanando pelas ruas no melhor estilo João do Rio, parei para admirar a fachada da Estação Telefônica da Graça.

Por acaso bem preservada, ela fica em cima de uma loja de material de construção e, obrigatoriamente, nos remete a uma outra época, sua época, antes até da instalação da Telebahia, quando as ligações se davam por intermédio das gentis telefonistas. Tudo era mais demorado. Uma carta demorava uma vida para chegar. Uma transação bancária, duas encarna-

ções. E assim por diante. Hoje, se preciso falar com um amigo ou parente que por acaso esteja acompanhando as Olimpíadas em Tóquio, não leva mais que alguns segundos para ver ficarem azuis as duas tirinhas do zapzap. No entanto, por paradoxal que seja, ninguém sabe nem ninguém viu onde foi parar tanto tempo economizado pelo avanço tecnológico, especialmente dos meios de transporte e comunicação. Muito pelo contrário.

A verdade é que, em vez de nos dar, pelo menos, umas duas horas livres a mais por jornada, a era dos magníficos aparelhos tem de fato nos tirado algo por aí. Assim, em vez de dias com aparentemente 26 horas, vivemos todos num aperto desgraçado que gera a impressão de que cada dia tem só entre 18 e 20 horas para resolver tudo. E nunca dá. Por falar em banco, era bem revelador o slogan do extinto Unibanco, depois adotado pelo Itaú: 30 horas. Espertamente, eles somavam as 6 horas de funcionamento das agências (das 10h às 16h) às 24 horas do dia em que o serviço poderia ser prestado pelos caixas eletrônicos e por telefone. Com tantas possibilidades (era/é esse o racio-

cínio) o tempo ficava mais folgado para o cliente cuidar das obrigações e, obviamente, estar livre (6 horas de brinde) pra curtir a vida. E isso numa época em que ainda nem sonhávamos com smartphones e aplicativos. Pois hoje, que o atendimento online está na palma da mão e faz misérias, o banco bem que podia estender para 300 horas sua oferta de tempo. Acontece que, repito, não só não estamos curtindo esse tempo para, por exemplo, encontrar relaxadamente os amigos, como até mesmo as mensagens de áudio que esses mesmos amigos enviam ouvimos em modo acelerado para economizar milésimos de segundo.

E aí eu pergunto: essas raspas de segundo que ganhamos ouvindo as mensagens com aquela vozinha acelerada horrível são aplicados em que? Em mandar mais mensagens explicando que não temos tempo para alguma coisa? A reflexão filosófica aplicada ao uso dos aparelhos, ao avanço tecnológico, é parte intrínseca do próprio avanço pretendido. Como vêm sendo usados, os smartphones, por exemplo, me parecem tacapes pré-históricos. “Material de constrição”. Mas será que as telefonistas eram felizes?



Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-chefe **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Alexandre Santos, Adele Robichez, Christina Miranda, Geovana Oliveira, Juliana Rodrigues e Rodrigo Meneses**
Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial (71) 3505-5022
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226Pernambúes CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



COMPLETE A PROTEÇÃO TOME A 2ª DOSE

Para vencermos a covid, não dá para se proteger pela metade. Por isso é fundamental tomar a 2ª dose para garantir toda a proteção que a vacina oferece. E, para que cada vez mais pessoas estejam protegidas, a Prefeitura vem antecipando a aplicação da 2ª dose. Fique atento à data da 2ª dose, que está marcada no seu cartão de vacinação, e aos avisos da Prefeitura, nas redes sociais.



Autoritarismo sem máscara

Com tanques na rua e ameaças ao STF, Bolsonaro tensiona ruptura democrática, no momento que sofre maior derrota na Câmara com PEC do voto impresso

Texto Alexandre Santos

alexandre.santos@radiometropole.com.br

Um desfile de veículos blindados e tanques de guerra patrocinado por Jair Bolsonaro fez pairar em Brasília um clima de tensão na manhã da última terça-feira, mesmo dia em que o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), decidiu pautar no plenário a apreciação da PEC do voto impresso.

Defensor da proposta, o presidente assistiu ao cortejo militar da rampa do Palácio do Planalto, num ato visto como tentativa de intimidação e desespero diante da derrota iminente.

De fato, a previsão se confirmaria dali a poucas horas, numa sessão que impôs ao mandatário o seu mais fragoroso revés político até aqui no Congresso. Foram 229 votos a favor do texto, 218 contra e uma abstenção. Para que a proposta de impressão do voto dado pelo eleitor avançasse, eram necessários ao menos 308 votos dos 513 deputados — 60%. Ou seja, faltaram 79 votos para que a PEC fosse aprovada. Diante do resultado, ela foi arquivada. Estiveram presentes na votação 449 parlamentares.

Um parecer favorável à matéria, no en-

tanto, já havia sido rejeitado numa comissão especial da Câmara, em meio a uma escalada de ameaças golpistas feitas pelo chefe do Executivo nacional.

Especialistas consultados pelo **Jornal da Metropole** afirmam que, caso fosse aprovada, a PEC do voto impresso levaria o país a um retrocesso, uma vez que as urnas 100% eletrônicas são apontadas como um modelo seguro. Eles também consideram que, ao se apropriar do aparato bélico das Forças Armadas para provocar adversários, Bolsonaro ultrapassa todos limites de suas investidas contra a democracia.

“Tanque na rua é um arroubo antidemocrático, truculento, para tentar responder, na força, àquilo que ele não consegue responder no argumento. Toda vez que Bolsonaro é questionado em relação à postura dele, ele chama o Exército. Ele não é nem um pouco democrático, e sua atitude equipara-se à de governos totalitários”, diz o advogado Marcello Antonio Fiore, vice-presidente da Comissão de Direito Constitucional da OAB-SP.

“Tanque na rua vem com o simbolismo muito forte de você romper o Estado democrático de Direito. A urna eletrônica é válida, 100% auditável. A intenção é

desacreditar o sistema de votação. Causar um desconforto ao cidadão, dizendo que o sistema é sujeito à fraude, mas sem apresentar provas”, analisa Fiore.

Nos últimos dias, a discussão em torno do voto impresso virou motivo de uma crise institucional entre Bolsonaro e o Poder Judiciário, com ataques frontais ao minis-

Tanque na rua é arroubo antidemocrático para responder, na força, o que não consegue responder no argumento

Marcello Antonio Fiore

OAB-SP





carolina antunes/presidencia da republica

tro Luís Roberto Barroso, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), a quem ele xingou de “filho da puta”.

Em resposta às ilações do presidente, o TSE passou a reiterar que nunca houve evidências de fraudes nas urnas eletrônicas, em uso desde 1996. Ainda que a PEC do voto impresso fosse aprovada no Congresso, a corte também já sinalizou que não haveria tempo suficiente para sua implementação em 2022.

“Faz 25 anos que já temos as urnas eletrônicas. Durante todo esse período, não tivemos nenhum indício de fraude, nenhuma denúncia que tivesse a devida comprovação de invasão do sistema. Pra gente desconfigurar esse histórico, precisa ter provas. Não palavras ao vento como as do presidente”, assinala o advogado Marcelo Válio, especialista em direito constitucional pela Escola Superior de Direito Constitucional (ESDC). “Já fui juiz eleitoral no TRE [Tribunal Regional Eleitoral]. Particpai ativamente com 17 membros do tribunal das eleições de 2016. Eu posso garantir que o sistema é mais do que seguro, é superauditável. São auditorias independentes. Nem a Justiça Eleitoral sabe quais são as urnas que vão

ser verificadas antes de uma determinada data. É tudo muito sério, tudo muito transparente. Quando acaba a votação em cada lugar desse país, há a impressão do boletim da urna. Isso fica devidamente arquivado e impresso”, acrescenta Gustavo Mazzei, professor de ciência política e direito eleitoral da Unifacs.

CABRESTO

Na opinião da professora Ariane Roder, especialista em ciência política e relações internacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), uma mudança no sistema eleitoral como quer Bolsonaro abriria brecha para uma reedição do chamado voto de cabresto. “Eram tempos em que o coronelismo imperava e os chefes locais tinham substrato para exercitar o chamado voto de cabresto.

“Essa proposta leva o Brasil a um retrocesso em termos de processo eleitoral e representa um risco para a democracia e para o voto secreto. Abre margem ainda para amplos questionamentos na apuração, recontagens inúmeras, morosidade na apresentação e legitimação dos resultados”, afirma Roder.

Ataques são crime de responsabilidade

Os ataques promovidos por Bolsonaro tanto ao presidente do TSE, ministro Luís Alberto Barroso, quanto a membros do Supremo ou do Congresso atentam contra o Estado democrático de Direito e, por isso, podem ser enquadrados como crimes de responsabilidade, explica o advogado Antonio Rodrigo Machado, professor e mestre em direito administrativo.

“São crimes de responsabilidade contra o livre exercício dos Poderes Legislativo e Judiciário e dos Poderes constitucionais dos Estados usar de violência ou ameaça contra algum representante da nação para afastá-lo da Câmara a que pertença ou para coagi-lo no modo de exercer o seu mandato bem como conseguir ou tentar conseguir o mesmo objetivo mediante suborno ou outras formas de corrupção”, observa Machado, citando o que prevê o artigo 6 da lei 1079/50.

“O sistema eleitoral brasileiro não é o melhor dos mundos. É óbvio que pode ser aperfeiçoado. Mas o que nós vimos na postura do presidente não foi a intenção de melhoria e, sim, uma tentativa de deslegitimação do sistema eleitoral”, afirma.

79

votos faltaram
para PEC
caminhar para
o segundo turno
na Câmara



tacio moreira/metropress



Amém pra tudo

Seis deputados da Bahia endossaram a aprovação das duas mais controversas propostas em tramitação na Câmara nos últimos dias: o aumento do fundo eleitoral de R\$ 2 bilhões para R\$ 5,7 bilhões, aprovado em 15 de julho, e a polêmica PEC (Proposta de Emenda à Constituição) do voto impresso, bandeira bolsonarista derrotada no plenário. Segundo cruzamento feito pela coluna, Cacá Leão (PP), Claudio Cajado (PP), Igor Kannário (DEM), Márcio Marinho (Republicanos), Tito (Avante) e Tia Eron (Republicanos), que aparece na foto, são os parlamentares que votaram a favor de ambas as matérias.

Sesab sem substituto

Nove dias após a queda de Fábio Vilas-Boas da Secretaria de Saúde da Bahia, o governo Rui Costa (PT) ainda não escolheu um substituto para o posto. A subsecretária Tereza Paim, por ora, segue interinamente à frente da pasta. Em entrevista coletiva, em Jequié, Rui Costa afirmou que ainda busca um nome para a vaga do médico cardiologista e que deverá divulgá-lo em breve. À coluna, a Secretaria da Comunicação informou, no entanto, que ainda não há uma data definida para o anúncio. Vilas-Boas foi exonerado do cargo após destilar um ataque de cinismo misógino à chef de cozinha Angeluci Figueiredo, dona do restaurante Preta, em Ilha dos Frades.

Arriba, México!

O prefeito de Salvador, Bruno Reis, e o presidente da Câmara de Vereadores, Geraldo Jr. (ambos do DEM), estão em viagem internacional. Os dois participam de um encontro sobre infraestrutura e mobilidade urbana no Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento (ITDP), na Cidade do México. No evento, o chefe do Executivo soteropolitano apresentará os projetos desenvolvidos pela capital baiana nas duas áreas em discussão, além de conhecer as experiências em outros países da América Latina. A agenda no exterior prossegue até sábado e incluiu uma visita a El Salvador, onde Reis assinou um termo de irmanamento com o país da América Central. Na ausência do prefeito e do comandante do Legislativo municipal, quem está à frente do Palácio Thomé de Souza é a vice-prefeita Ana Paula Ramos, quadro político do PDT.

divulgação



Prates amplia capital político

Na contramão do fiasco de Vilas-Boas, Leo Prates passou a ampliar seu capital político para ascender eleitoralmente em 2022. Segundo a coluna apurou, paralelamente à atuação como secretário de Saúde de Salvador, ele passou a ser requisitado para ministrar consultorias em cidades do interior. Entre prefeituras, empresas e instituições de ensino, os contratantes querem absorver a experiência no enfrentamento à Covid-19, o que inclui a estratégia de vacinação implementada sob seu guarda-chuva. Deputado estadual licenciado pelo PDT, do presidenciável Ciro Gomes, Prates tem como plano disputar uma cadeira no Legislativo Federal.

reprodução



Bolsonaro revive Nini

O desfile de tanques e blindados patrocinado por Jair Bolsonaro (sem partido), em Brasília, repete um ato repugnante protagonizado em 23 de abril de 1984, penúltimo ano da ditadura militar. Naquela data, a pretexto de comemorar o aniversário do Comando Militar do Planalto, seu chefe, general Newton Cruz, o Nini, montou num garboso cavalo branco e desfilou à frente de 6 mil soldados e 116 blindados pela Esplanada dos Ministérios. Guardadas as devidas proporções e o contexto político da época, o objetivo era intimidar deputados que votariam a emenda das Diretas Já, que daria aos brasileiros a faculdade do voto popular. Nini fechou Brasília para que estudantes não cercassem a capital federal e acompanhassem a votação.



A fumaça dos tanques e os ratos do Congresso

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Era 10 de agosto de 2021, mas imagens de Brasília na manhã da terça-feira davam a impressão de termos despertado em algum tempo localizado dos anos 60, 70. Tanques militares desfilavam num cortejo estranhíssimo em frente ao Palácio do Planalto. No mesmo dia, numa tragicômica e melancólica comédia, o Congresso Nacional iria se posicionar à tarde sobre o segundo desejo mais importante do presidente da República: trazer de volta ao sistema eleitoral o voto impresso. Sim, o segundo, pois todo mundo sabe que é o primeiro desejo do capitão é dar um golpe militaresco e, sem sequer perguntar ao centrão, anunciar que não vai mais ter eleição.

As versões para tanques enferrujados acenando com fumaça para Jair Bolsonaro são várias. Todas desmoralizantes. Tanto para o país como para um chefe de nação democraticamente eleito e para as Forças Armadas brasileiras. A versão oficial, pois há uma, era a de que foi um desfile republicano normalíssimo, agendado há tempos, para entregar ao presidente da República um convite para comparecer a um treinamento das três forças militares que será realizado na segunda-feira, 16 de agosto, em Formosa, Goiás, nos arredores de Brasília.

Bem, se todos aqueles salamaleques, com tanta gente envolvida, tanto diesel consumido e pago com dinheiro públi-

co, eram apenas uma 'tanqueata' para entregar um envelope com um convite dentro, para o presidente comparecer a um evento que ainda vai acontecer, imaginemos qual será a dimensão do evento em si. Não deixa de ser simbólico que se empreenda tamanho esforço, com tantos militares envolvidos, tantos veículos militares, para entregar um envelope. A não ser que tenha sido uma metáfora muito cifrada do quanto haverá de modernização e celeridade no sistema de entregas de correspondências e produtos aos brasileiros após a privatização dos Correios, aprovada esta semana no Congresso.

PIADA

Duas das interpretações muito frequentes na imprensa e nas redes são convergentes e antagônicas ao mesmo tempo. Há quem ache que, por estar perdendo popularidade e diante dos índices de rejeição à sua gestão, Bolsonaro sente-se acuado e, consciente de sua fragilidade popular e eleitoral, usa a simbologia de tanques na rua para blefar uma força que não tem. Mas há quem traduza a fumaceira de terça-feira como o oposto de fragilidade: o presidente, irritado com as críticas e com os brasileiros que manifestam insatisfação, recorre às Forças Armadas para ameaçar, inclusive

o Congresso, num aviso: ou vocês aprovam a volta da urna de papel, ou eu posso intervir militarmente e continuar no cargo sem voto e sem vocês. O tempo e a história dirão. Hoje, consenso mesmo só diante do diagnóstico de que os tanques com motores podres poluindo Brasília se tornaram piada, dentro e fora do país.

Apesar dos tanques, o dia terminou com a frustração do presidente. Bolsonaro precisava de 308 votos para ter de volta o voto em papel. Conseguiu 229. 218 votaram contra, Aécio Neves se absteve, uma piada pronta, e os demais dos 513 estavam ausentes. Nos casos em que não foi um diagnóstico de doença grave que os impediu de inscreverem-se na história dizendo de qual lado dela estão, deve ter sido por mera vontade de assemelharem-se a ratos comuns. Na dúvida de escancarar o que pensam, e sem saber se o barco vai afundar ou emergir, nem de fugir são capazes: escondem-se.

Os tanques com motores podres poluindo Brasília se tornaram piada, dentro e fora do país.



Os trechos e as trincheiras

Asfalto no Capão e em Barra Grande, além da ponte Salvador-Itaparica, enfrentam ferrenhos debates entre o dito progresso e a conservação ambiental

Texto **Rodrigo Meneses**
redação@metro1.com.br

É fato que estradas de boa qualidade facilitam o acesso e tem a capacidade de promover o desenvolvimento dos seus destinos. Mas, quando a riqueza da cidade está em atrativos naturais, facilitar a chegada de mais pessoas pode se tornar uma ameaça à preservação.

Esse dilema se intensificou nos últimos dias no Vale do Capão, na Chapada Diamantina, paraíso para quem busca tranquilidade e contato com a natureza.

O prefeito de Palmeiras anunciou que o governo do estado tem verbas para levar asfalto aos 21 km da estrada de chão que liga a sede do município ao Vale do Capão. No entanto, só vai tocar o projeto se for da vontade da maioria dos moradores.

Em Barra Grande, na Península do Maraú, as promessas de pavimentar um trecho de 46 Km de estrada de chão da BR-030 também divide as opiniões no vilarejo praiano, que é um importante destino turístico no sul do Estado, ao estilo rústico e sem muita badalação.

O economista e professor da Ufba Armando Avena lembra que o desenvolvimento sustentável é a grande discussão do século XXI. Ele explica que é necessário ter cuidado com os locais turísticos onde a atração é o ambiente preservado. Para o economista, a estrada deve vir acompanhada de investimentos na preservação do meio-ambiente.

“É necessário explorar com racionalidade. Ao mesmo tempo que se faz o investimento na rodovia, é preciso investir para evitar a depredação nos sítios onde estejam ocorrendo as obras”, pontua.



Foto 1 e 2: Estrada de terra batida que liga o Vale do Capão à sede do município, em Palmeiras. Foto 3: Trecho em má conservação da BR-030, entre Barra Grande e Maraú. Foto 4: Projeção de como ficará a ponte Salvador-Itaparica





A coordenadora do Circo do Capão, Maryane Dutra, conta que há um consenso sobre a necessidade de uma estrada melhor para o Vale e que a discussão agora é sobre o tipo de pavimentação. “Quem é do contra, na verdade, está defendendo uma pavimentação alternativa, que não seja asfáltica”, afirma.

OPORTUNIDADE

O agricultor Carlos Formiga, de 62 anos, membro da associação de moradores do Vale do Capão, teme que a demora em discutir um modelo de estrada resulte na perda de verba. “Tem algumas pessoas, desses novos moradores, que chegaram há pouco tempo e que já viveram a coisa do asfalto e querem impedir que uma comunidade que sempre lutou por isso finalmente tenha”, diz.

No próximo dia 17, uma comissão formada por oito moradores do Vale do Capão e o prefeito de Palmeiras, Ricardo Guimarães (PSD), tem uma reunião com o secretário de infraestrutura estadual,

Marcus Cavalcanti, para discutir o projeto.

Em Maraú, quando se aproxima o período eleitoral, se aquece a promessa de asfaltar o trecho que liga o município ao entroncamento da BR-101, em Ubaitaba.

Damião de Brito, 40, mora no distrito de Campinho, onde termina a BR-030, e conta que atualmente gasta 2h30 para percorrer o percurso de 30 Km. “Eu e 90% de minha comunidade somos a favor do asfalto. Tudo aqui é mais caro por causa das condições da estrada”, afirma Damião.

O taxista Gildmar Monteiro, 51 anos, é nativo de Barra Grande e é contra o asfalto. “Aqui ainda é preservado justamente pela dificuldade de acesso. Antes do asfalto, precisamos de saneamento básico, melhorar o tratamento da água, o armazenamento do lixo”, afirma.

O economista Armando Avena lembra que a criação de uma taxa de preservação pode ser uma das fontes de recurso para locais turísticos. No entanto, ele ressalta que o valor precisa ser destinado integralmente para a preservação do meio ambiente. “O recurso dessa taxa não pode se

perder no emaranhado de taxas municipais e não pode ter um valor absurdo”.

A PONTE

Pensada para facilitar o acesso e dar fim aos transtornos da fila do ferry, a ponte Salvador-Itaparica pode decretar o fim da atividade turística na Ilha. Essa é a projeção do arquiteto e professor da Ufba aposentado Paulo Ormino. Ele lembra que a ponte vai encurtar a viagem para Salvador de quem vem do Sul do Estado.

Com isso, o transporte de carga chegaria pela Ilha, mas, como as ruas de Salvador não suportam o trânsito dos grandes caminhões, Itaparica vai se transformar em um grande terminal de cargas.

“Vai acontecer, provavelmente, o que aconteceu com São Gonçalo, ponto de chegada da ponte Rio- Niterói. A Ilha vai se transformar em terminal de carga. Vai gerar uma série de serviços associados como oficinas e borracharias. E foi assim que São Gonçalo virou uma grande favela”, projeta.

Ormino afirma que a ponte vai impactar o sistema de navegação na Baía de Todos os Santos. “Existem quatro portos na baía e um trânsito muito grande de navios entrando por uma única porta. A ponte vai interferir numa área de escape para essas embarcações”, finaliza.

reprodução



Responsável Técnico:
Dra. Silvana Rocha
CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA

para você!

INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438

SR
CURSOS

Curso
VIP



Como se fosse a primeira vez

Meses após serem infectados pela Covid, jovens relatam permanência de sintomas causados pela doença; amnésia e perda do olfato predominam

Texto **Geovana Oliveira**

geovana.oliveira@radiometropole.com.br

Ao se sentar em um restaurante de comida baiana, na Boca do Rio, talvez você estranhe a quantidade de vezes que a atendente pergunta seu pedido. Ou até reclame da pimenta que ela não trouxe.

Se essa atendente for Bruna Nascimento, de 25 anos, talvez ela lembre do molho duas horas depois, já no ônibus, na volta para casa. O motivo? “Eu já aviso logo: depois da Covid, fiquei esquecida”, conta.

Estudante de teatro na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Bruna tem o costume de gravar longos textos e nunca foi conhecida por sua memória curta, muito pelo contrário. Mas isso mudou no final de abril, quando contraiu o coronavírus. Desde então, a rotina no trabalho exige o dobro do seu esforço, assim como os estudos ou até o simples hábito de ler um livro.

“Logo no início eu tinha uns apagões

muito grandes, cheguei a pensar que eu ia ter Alzheimer”, conta.

“Às vezes o pessoal do trabalho me pede algo, eu digo ok, e depois fico lá parada porque já esqueci”, completa.

A Secretaria de Saúde da Bahia contabiliza 1,7 milhão de pessoas recuperadas do coronavírus, mas nem todas elas voltam ao normal depois da infecção. Algumas, como Bruna, apresentam as mais variadas sequelas da Covid-19.

O médico neurologista Ivar Brandi, ex-coordenador de neurorreabilitação do Hospital Sarah de Salvador, explica que cerca de um terço dos pacientes de coronavírus apresentam alguma sequela neurológica. Entre aqueles pacientes que tiveram sintomas leves da doença, é comum a continuação do déficit de olfato e paladar, dificuldade de concentração, per-

da de memória, cefaleia persistente diária e fadiga crônica, além de ansiedade e depressão. Muitos sintomas são reversíveis e o tempo varia para cada pessoa.

SEM CHEIRO

Não é necessário uma comorbidade prévia para que isso aconteça. A aluna de psicologia da UFBA, Maria Fernanda Medrado, de 20 anos, está há cinco meses sem sentir cheiros. “Peguei Covid na primeira semana de janeiro, perdi olfato e paladar no oitavo dia de sintomas. Depois dos 12 dias em que fiquei isolada, voltou ao normal. Mas dois meses depois, meu olfato foi indo embora. Estou no oitavo mês pós-covid e agora todo perfume tem cheiro de produto químico”, conta.

Sua otorrinolaringologista passou um teste de olfato para começar o tratamento, mas os planos de saúde ainda não cobrem o serviço — também fora de cobertura na rede pública. Com isso, a intervenção fica ainda mais difícil.

Para facilitar a reabilitação pós-covid, no entanto, hospitais públicos de Salvador abriram ambulatórios específicos para o tratamento das sequelas. É o caso do Hospital das Clínicas da UFBA.

“Após os primeiros casos, as pessoas nos procuraram com sintomas remanescentes”, conta uma das coordenadoras do local, a médica pneumologista Margarida Neves. Os pacientes também procuram o ambulatório com perda de massa muscular, complicações hepáticas e cardíacas, lesões na pele e até queda de cabelo. “São muitas sequelas e devem ficar durante muito tempo ainda”, conta.

lucas andrade/divulgação



Bruna Nascimento, de 25 anos, diz sofrer de perda de memória frequente após a Covid-19

Vacina nos 'anos 20' impulsiona Réveillon

Com avanço da imunização no público abaixo dos 30 anos, organizadores de festas se animam para retomar o setor; governo alerta para risco de variantes

Texto Adele Robichez

adele.robichez@radiometropole.com.br

Com a chegada da vacinação contra a Covid-19 na faixa dos 20 anos, a expectativa é que o “novo normal” da pandemia volte a ser apenas o velho “normal”.

É com essa perspectiva que os organizadores dos maiores Réveillons da Bahia têm se movido para promover as festas no final do ano. Enquanto o setor de eventos corre atrás do prejuízo de um ano e meio sem festas, os jovens anseiam pela possibilidade do retorno à vida de farra em diversos pontos do estado.

“Quando consegue alcançar esse público do nosso Réveillon se vacinando, a expectativa é que seja um sucesso, celebrando a volta da normalidade. A gente está muito feliz com os avanços acontecendo”, declara Ricardo Cal, sócio da Oquei Entretenimento, responsável pelo Réveillon de Boipeba 2022 e Celebre, que acontece na Bahia Marina, em Salvador.

Ainda sobre a vacinação do pessoal na transição da geração Y para a Z, público que frequenta as festas mais famosas do estado, a sócia da Produtora Samba, que organiza o Réveillon N1, em Itacaré, Ju Ferraz, está otimista. “O impacto é 100% positivo. Muitos ingressos foram vendidos. A procura tem sido imensa e a aceleração tem sido bem grande”, diz.

O sucesso de vendas também é sentido por Guto Ulm, membro da 2GB Produtora, que faz o Réveillon de Praia do Forte. Ele ainda afirma que a imunidade será um critério para a entrada de pessoas na festa. “O nosso evento é para maiores de 18 anos e, com esse avanço, já sabemos que o nosso público estará vacinado inteiramente, com as duas doses, até dezembro. Por isso, va-



Público comemorando festa do Réveillon antes da pandemia. Expectativa é retorno em dezembro desse ano

mos exigir a carteira de vacinação. Quem não apresentar o documento comprovando que foi vacinado, não vai poder participar da festa”, crava.

ÂNSIA E PREOCUPAÇÃO

Privados de eventos de grande porte no último Réveillon, os jovens estão ávidos por uma aglomeração e a vacina tem aflorado a possibilidade da concretização desse desejo. O estudante de administração Felipe Beranger, de 22 anos, já está se programando para passar a virada do ano em Itacaré.

“Dá uma segurança melhor até de garantia do investimento. Alguns amigos

ainda sentem receio, já que no final do ano passado teve melhora e depois voltou pesado novamente, mas a maioria está se sentindo mais segura e se planejando para o Réveillon também”, conta.

Por outro lado, embora a euforia tome conta do setor de eventos, há o alerta para a variante delta e o risco do cancelamento destes festejos. Em conversa no ‘Papo Correria’, sua live semanal, o governador Rui Costa (PT) chamou a atenção para a possibilidade de cancelamentos. “Quem estiver comercializando está fazendo por sua conta e risco. É importante que as pessoas que estejam comprando estejam sabendo disso. Não tem decreto ainda definindo a realização de festas”, ressaltou.



Arte imortal e intocável



Serviço de NFT faz sucesso entre colecionadores e já alcança grande público. Ideia é perpetuar objetos raros criptografados na grande rede

Texto **Christina Miranda**

chistina.miranda@radiometropole.com.br

Quem compraria uma obra de Picasso, colocaria na lareira (respire fundo, vá por mim), ligaria um lança chamas e apontaria bem no meio do quadro? A resposta ainda mais chocante que a pergunta: um coletivo de artistas nos Estados Unidos. Anônimos, bem verdade, mas artistas, colegas de profissão do próprio Picasso...

A obra, o Fumeur V, uma gravura de 1964 do pintor espanhol, foi comprada em um leilão da renomada Christie's por R\$ 105 mil. A turma de artistas piromaniacos resolveu que ela desapareceria do mundo real para ser imortal em outro universo: o virtual.

“O Picasso queimado vive para sempre no blockchain”, afirmou o grupo na página do projeto.

A ideia era transformar as cinzas em um NFT, um non-fungible token, ou token não fungível. Traduzindo: um código de computador, uma espécie de carimbo digital, que serve para garantir a autenticidade de um arquivo - a garantia de ser único.

Mas Picasso não era qualquer um e resistiu. O desenho e a assinatura ficaram lá, firmes. A turma resolveu então transformar em NFT o que sobrou e também o vídeo da experiência. Aí você se pergunta:

mas acabei de ver na rede, de graça, por que eu pagaria? Pra assistir não, mas pra ser o dono da imagem, do token único, sim. Os NFTs serão leiloados e o lance inicial é de R\$2.500.

“Estamos vivendo uma aurora desse novo tempo, do mundo digital, onde as coisas ficam mais raras”, explica Diogo Guanabara, advogado especialista em Direito Digital. Raras. Aí está a chave desse novo mercado responsável por negociar muito dinheiro. Já foram movimentados mais de quinhentos milhões de dólares, cerca de dois bilhões e meio de reais, desde a primeira venda de um NFT em 2018, mas só agora, em 2021, a moda pegou.

Um vídeo de dez segundos de Lebron James, ídolo do basquete, custou a bagatela de cerca um milhão de reais. O meme do gatinho Nyan Cat, mais de dois milhões de reais. Bandas, cantores, artistas plásticos, designers, todos estão de olho bem aberto no filão das raridades onde pode-se encontrar, literalmente, qualquer coisa.

“Provavelmente no futuro próximo a gente vai ouvir as pessoas falando: tenho aqui uma biblioteca de NFTs”, prevê Guanabara. E qualquer um pode ser o próximo milionário.

Startup baiana vende originais de Bel Borba

Todas as transações de NFTs acontecem através de blockchain, aquela mesma tecnologia por trás das criptomoedas - como o bitcoin. Nada de tentar pagar com cartão de crédito nem PIX.

Pra entrar no negócio, só através de empresas especializadas como a Startup baiana InspireIP. “Somos um mercado de itens exclusivos digitais onde você pode comprar ou vender obras únicas e as negociações são todas em criptomoedas”, explica Caroline Nunes, CEO da empresa.

E as prateleiras estão cada vez mais cheias. Tem vídeos, músicas, composições de banda Anie, estampas únicas do estilista paulista Henrique Toledo, quadri-nhos de João Marcos, roteirista da Turma da Mônica. O primeiro leilão de NFTs no Brasil tem a assinatura da InspireIP. Bel Borba, baiano e muito à frente do tempo, adorou a ideia. Fez uma obra física, partiu em 100 pedaços e todos foram transformados em tokens e vendidos cada um por R\$ 3.200,00.



Dancinha das profissões



Profissionais de diversas áreas têm apelado ao entretenimento para divulgar serviços no Instagram e TikTok; estudiosos alertam para banalização

Texto **Juliana Rodrigues**
juliana.rodrigues@metro1.com.br

Engana-se quem ainda pensa que é preciso ser blogueiro ou influenciador para se preocupar com a criação de conteúdo nas redes sociais.

Aplicativos como Instagram e TikTok tornaram-se verdadeiras vitrines para diversas áreas de atuação profissional. Com o isolamento imposto pela pandemia, esse processo foi intensificado.

“O escritor independente contemporâneo só tem as redes sociais para divulgar sua obra. Em um tempo no qual grandes livrarias estão fechando, é a única saída”, pontua o escritor Matheus Peleteiro, autor de sete livros, que acumula 15,1 mil seguidores no Instagram.

Ele migrou para a rede social após perceber uma queda de audiência no Facebook e recentemente foi selecionado para um programa de monetização de transmissões ao vivo. “Não sei se isso vai durar,

mas nesse primeiro mês eles vão pagar o suficiente para que eu publique um outro livro”, comemora.

No entanto, nem tudo são likes. Para ter relevância nas redes, é preciso estar constantemente presente. “Acho que somos escravos disso”, diz Peleteiro.

A empreendedora Maíra Britto endossa o coro. “O próprio Instagram divulgou a ‘receita’ pra crescer na rede: post todos os dias no feed, lembrando que agora o Reels (ferramenta de vídeos curtos) é o melhor formato, ao menos dois IGTVs (vídeos longos) e uma live por semana... Imagina essa carga?”, questiona.

Maíra é dona de uma pizzaria que “virou” nas redes sociais com produtos inusitados, como a venda de uma borda sem a pizza junto, além de dar descontos para pessoas vacinadas. Com o sucesso da empresa, que tem mais de 22 mil seguidores no Instagram, a empreendedora passou a criar conteúdo em seu perfil sobre marketing para restaurantes. “O meu retorno tem sido ver

empreendedores fazendo menos besteira e caindo em menos papo furado”, diz.

O crescimento do principal concorrente, o TikTok, baseado em vídeos de até um minuto e replicação de tendências, levou o Instagram a anunciar mudanças controversas, como a priorização do conteúdo audiovisual e de entretenimento. Assim, surgiu o debate sobre a chamada “tiktokização das profissões”: para ampliar o alcance na rede social, profissionais de áreas mais tradicionais, como médicos e arquitetos, têm se adequado à nova norma e produzido materiais humorísticos, além de aderir às famosas “dancinhas”.

O doutor em Comunicação e consultor de estratégia digital Marcel Ayres enxerga “riscos e oportunidades” na “tiktokização” dos conteúdos. “Há uma oportunidade de levar informações de forma leve e simples. Ao mesmo tempo, nem sempre o usuário com maior audiência e engajamento é, necessariamente, o mais competente em sua função profissional”, diz.

Tatuadora faz sátira do algoritmo

A tatuadora, influenciadora digital e mestra em Comunicação Helen Fernandes, conhecida nas redes como Malfeitona, considera o fenômeno “curioso”, embora prefira não aderir a essa linguagem. “Tenho consciência de que teria resultados melhores se me adequasse, mas isso me faria perder qualitativamente. Acho que esse é um erro que muitos profissionais cometem, porque acaba atraindo seguidores aleatórios. Mas é o que o Instagram privilegia”, observa.

Com 144 mil seguidores no Instagram, Malfeitona chegou a criar uma persona-

gem, a Dona Algô, para demonstrar em vídeos curtos como os algoritmos das redes sociais funcionam: “É interessante como muita gente achava uma coincidência que o Instagram mostrasse publicidade sobre um assunto que eles tinham acabado de falar. É o algoritmo”.

Para Marcel, o profissional deve avaliar se as “dancinhas” e memes fazem sentido para a sua audiência. “Dentro ou fora das mídias sociais, os profissionais devem buscar alternativas para apresentar suas competências e habilidades”.



divulgação

10 mil

232

ENTREVISTA

Renato Janine

EX-MINISTRO DA EDUCAÇÃO



Eleito recentemente para comandar a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o professor de filosofia e cientista político Renato Janine Ribeiro falou sobre a construção do imaginário que o brasileiro detém sobre a política, sempre vinculada à corrupção.

“Ainda precisamos aprimorar nossa cultura política. Por isso é fácil a demagogia emplacar por aqui. E um dos efeitos da demagogia é acusar tudo pelo viés da corrupção. Por falta de conhecimento da política, muita gente votou no atual presidente. A política vem sendo demonizada e tudo que não deu certo na política, passam a insinuar que não deu certo por culpa da corrupção. E daí partem a escolha de nomes que não tem tradição, que não se sabe nada sobre eles, mas que imaginam que não sejam corruptos. Você não aprende ser presidente, sendo presidente. Precisa ter uma trajetória”, analisa Janine, em entrevista à Mário Kertész, na **Rádio Metropole**.

NOVO MUNDO

Ex-ministro da Educação do segundo governo Dilma Rousseff (PT), o pesquisador defendeu um processo de luta contra preconceitos para acolher um novo mundo que emerge socialmente.

“É um mundo com protagonismo maior das mulheres, negros, LGBT. Muitos ficaram chocadas com isso. E aí ouviram um discurso preconceituoso, foram atrás. Precisamos deixar claro, como diz Dráuzio Varella, se seu vizinho é casado com outro homem e você acha isso estranho, o problema é seu”, pontua.

O presidente da SBPC também enalteceu a ciência como elemento de transformação e citou a necessidade de políticas públicas efetivas para içar novos talentos brasileiros nas universidades.

“Precisamos ter uma sociedade de disputas melhor. E é papel do governo ser positivo no acesso da universidade. Para revelar revelar talentos negros, talentos pobres. Você vê o sucesso que foi nas Olimpíadas as medalhas conquistadas por atletas negros e LGBT. Isso é resultado de investimento em anos anteriores no esporte. Essa é uma intervenção pública necessária e inteligente”, diz.



Tudo que a gente conquistou foi sem merda de governo

ENTREVISTA

Acelino 'Popó'

EX-PUGILISTA TETRACAMPEÃO

A Bahia brilhou nas Olimpíadas de Tóquio, com destaque para o boxe, que nos presenteou com medalhas de ouro e prata, para Herbert Conceição e Bia Ferreira, respectivamente. Em entrevista à **Rádio Metropole**, o ex-pugilista Acelino 'Popó' Freitas comentou o resultado de Bia, que dividiu muitos torcedores, por acreditarem que ela merecia o ouro. “Como torcedor brasileiro, a gente nunca vê o brasileiro apanhando só batendo”, brincou, antes de continuar: “Mas, pelo lado técnico, Bia foi contundente o tempo todo, indo para cima, só que outra menina acertou muito mais golpes nítidos, golpes certos, teve uma vantagem longa. Não foi roubo”, analisou.

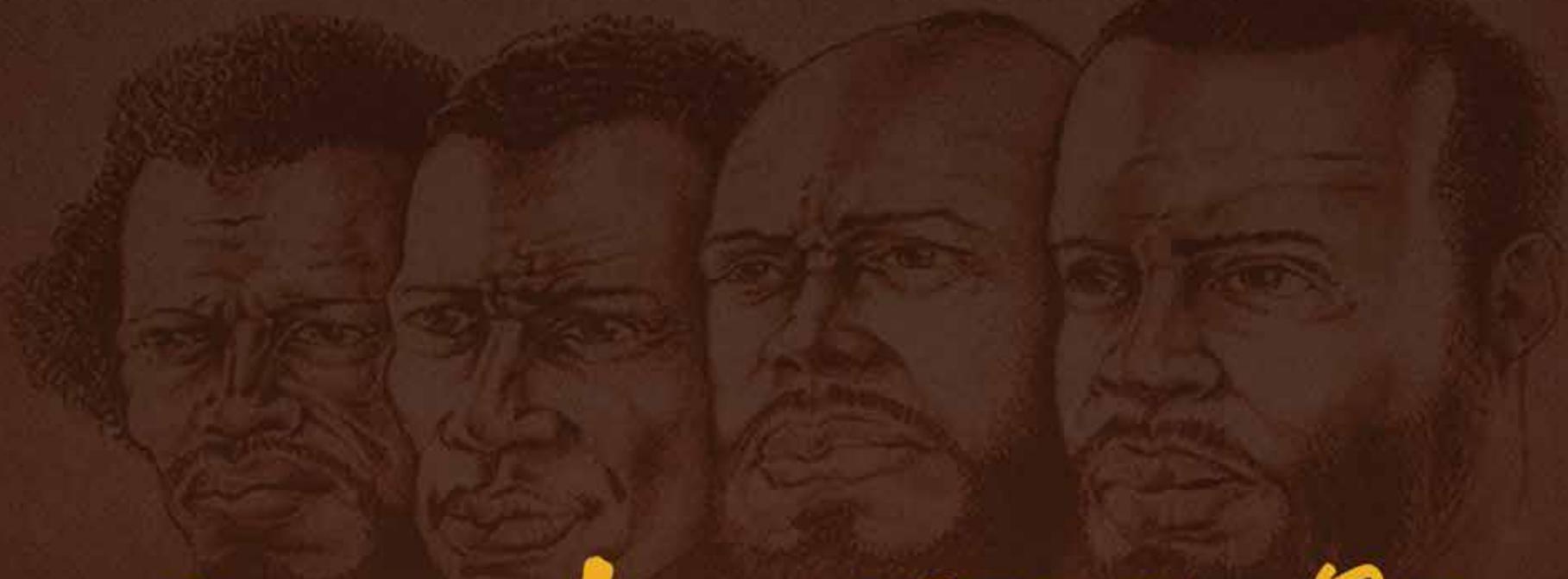
FALTA PROJETOS

Tetracampeão mundial de Boxe, o ex-pugilista criticou duramente a falta de projetos no país que estimulem o esporte, além de falar com propriedade sobre o investimento no boxe baiano. “De trabalho, eles [políticos] não fazem nenhum. A gente só tem material humano e talento. É a única coisa que a gente tem. Pra se ter ideia, há atletas que não tem apoio em nada e vão para as Olimpíadas. A Bahia precisa provar mais o que, pra verem que aqui é o estado do esporte? Será que os governadores e os prefeitos vão começar a fazer campanha política querendo botar os caras no rádio, querendo dar entrevista, para dizer que vai fazer isso, vai fazer aquilo, ginásio esportivo, centro olímpico de boxe? Que nada! A Bahia já mostrou que não precisa de político porque tudo que a gente conquistou, — meus quatro títulos mundiais, o Pan-americano de Pedro Lima, a medalha de ouro de Robson, medalha de prata de Bia, medalha de ouro do Herbert — foi sem merda de governo”, desabafou.

PENDUROU AS LUVAS

Popó afirmou ainda que deixou a política, justamente, por ser incompatível com essa forma de gerir as coisas, se perpetuar no poder a troco de palavras vazias. “Não quero mais me envolver nisso. É um mundo sujo, as pessoas boas na política não prestam. Errado lá é o certo. A educação que eu tive não permite que eu seja isso, entre nesta podridão. Hoje o que eu faço é tirar do meu bolso. Vou na comunidade, no projeto social, ajudo com óculos de natação, com touca, luvas. Esse ano doei mais de 40 pares de luvas, sacos, tênis, atadura, bandagem, faço tudo isso porque eu sei que é muito para quem vai receber. Acredito que todos fazendo sua parte já é uma grande ajuda”, afirmou.





Vida é Revolução. JUSTIÇA, SIM. RACISMO, NÃO.

IGUALDADE, LIBERDADE E RESPEITO. SEMPRE.

Esses são valores plantados pela Revolta dos Búzios, deflagrada em 12 de agosto de 1798, nas ruas da Cidade da Bahia. O levante foi invisibilizado ao longo da história. Mas estavam fincadas as sementes de um dos primeiros movimentos republicanos do país. Alfaiates, negros, lutadores e lutadoras de ontem que continuam vivos na memória. Joões, Manuéis, Luízes, Lucas, Luízas, Lucrecias, Anas, Domingas e Vivências seguem na luta por justiça, liberdade e respeito. E a gente reafirma nossos compromissos com a reparação, garantindo políticas de promoção da igualdade racial, de combate à discriminação, um trabalho de todo dia. Porque, enquanto houver racismo, não haverá democracia plena.



AGOSTO DA
IGUALDADE

SECRETARIA DE PROMOÇÃO
DA IGUALDADE RACIAL



GOVERNO
DO ESTADO